



NO CAMPO

(Desenho de Ferreira da Costa).

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 18 de Outubro de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Lda.
Editor: JOSÉ JOBERT CHAVES

Edição semanal do jornal

Redacção, administração, oficinas de composição e impressão
RUA DO SEculo, 43

O SEculo

2.^a série — N.º 504

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUQUEZAS E HESPAHHA

Trimestre.....	1\$20	ctv.
Semestre.....	2\$40	>
Ano.....	4\$80	>

Numero avulso, 10 centavos

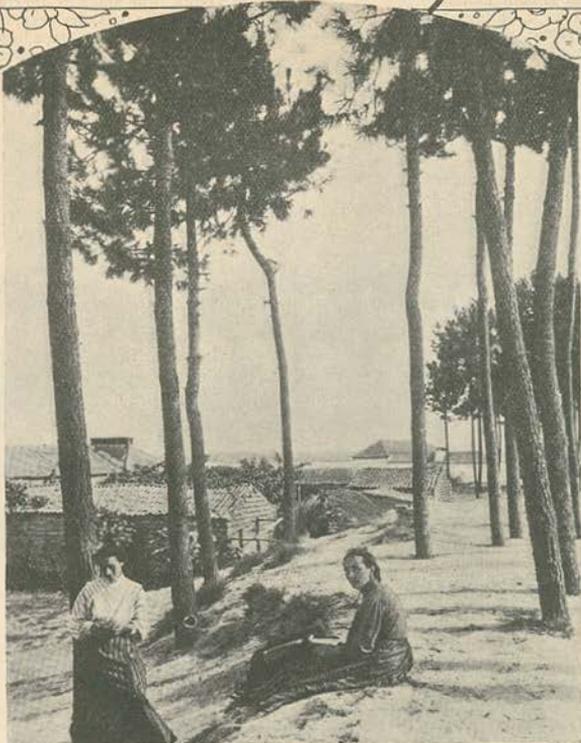
Uma terra feliz

Quem ler o título supõe logo:—não é em Portugal, de certo, essa terra feliz. Coloca-a na Suíça, ou sae mesmo da Europa, transpõe o Atlantico e imagina-a nos confins da America.

Engano. E' um ninho de paz e de trabalho, um recanto mimoso de verduras, ignorado, escondido sobre areias de Portugal, no concelho de lhavo.

Exige naturalmente o leitor, mesmo antes de conhecer o nome da povoação que se lhe indiquem a causa e os motivos que concorrem para qualificar sob tão sedutor adjectivo esse encanto do nosso paiz.

Bem simples.
E' feliz essa terra porque lá não se pede esmola!
E eis n'isto todo o seu valor.



O seu povo não tem feitos politicos, sociaes ou religiosos que lhe definam o caracter etnografico. O livro dourado da Historia não apresenta uma unica folha a attribuir-lhe gestos heroicos, guerreiros, altruistas, denunciando a natureza do sangue que lhe corre nas veias.

Não é gente que pertença ao cinema da politica, nem d'esta seja comparsa n'este decurso de trevas e de luz em que a nacião portugueza tem desenrolado a fita cinematografica da sua existencia.

Terra pacifica, meiga e alegre como um beijo de mãe, caído nos labios d'um filho, for-

ma como que uma pequena patria n'esta grande patria nacional.



1. Sob os pinheiros da Gafanha

2. Na praia da Costa Nova: Partida de um barco de pesca tripulado por gafanhões

E sabeis já por quê.

Porque lá não se pede esmola!

E eis n'esta afirmação a síntese luminosa d'uma redentora lição de civismo, de influencia salutar para quantos povos lhe queiram seguir o exemplo.

Essa lição bem poderia ser apontada á hoste dos sem trabalho que ultimamente pululam pelos centros

citadinos, e entre os quaes a propria capital possui um avultado stock.

Abençoado berço de homens é esse, onde cada um d'eles sabe ganhar o pão de cada dia, sem estender a mão á caridade.

E sabe-o ganhar porque, desde creança, todo o seu ser se prende á paixão sublime de saber amar o trabalho.

Encontro n'este tempo regional de portuez um fundo étnico de raça de grande valor social, invulgar, desconhecido e que parece o leva a afastar-se sistematicamente dos enredos da politica e das theorias avançadas das modernas aspirações sociaes.

O valor da sua missão civilisadora e progressiva é contudo muito notavel, visto que só pelo esforço do seu braço e da sua ação individual tem transformado extensas dunas de areias em campos que são verdadeiros jardins.

Essa terra chama-se Gafanha; é uma povoação moderna, de tipos fortes, loiros, requetmados pelo sol, vendendo saude.

Estende-se sobre dunas de areias, circundadas pelas rias de Ilhavo e Aveiro, constituindo uma freguezia autonoma d'aquelle concheiro.

Ainda hontem essa região enorme tinha o caracter desolador d'um deserto, mas hoje cada grão de areia é, por assim dizer, o germen produtor de microgramas de ouro, tão frisanse se mostra o esforço de atividade com que, n'estes ultimos tempos, o gafanhão tem transformado a natureza de toda aquella enorme zona arenosa.

Quem fecundou essa areia solta, sem a coesão necessaria para a germinação das plantas, a ponto de se obter este milagre admiravel da

sua atual fertilidade agricola? O delta iuminoso do Vouga, que afaga e aperta a Gafanha n'um abraço de aguas, ora permanente, ora alternativo, inundando-a agora, para logo a deixar enxuta.

Mas nem só d'esse fluxo e refluxo de aguas dependem a vida e a riqueza d'esses terrenos arenosos. A ria tem no fundo do seu leito o elemento caracteristi-

co que aduba as areias e as corrigena sua adaptação a variadas culturas.

O adubo gerador d'essa fertilidade é constituído pelo *molloço*, algas arrancadas pelo braço do gafanhão ao leito da ria, e cujo mister, só por si, dá origem a uma fonte de grande receita para todos os povos ribeirinhos. A apanha d'essas algas é feita de bordo de *barcos moliceiros*, de feição muito original, que percorrem a ria em todas as direções, sendo transportadas depois para ter-

ra por meio de carros de bois, de antigo tipo romano, como uma das nossas fotografias flagrantemente mostra. O valor anual do *molloço* é comportado em cerca de duzentos contos, em grande parte gasto no adubo das areias da Gafanha.

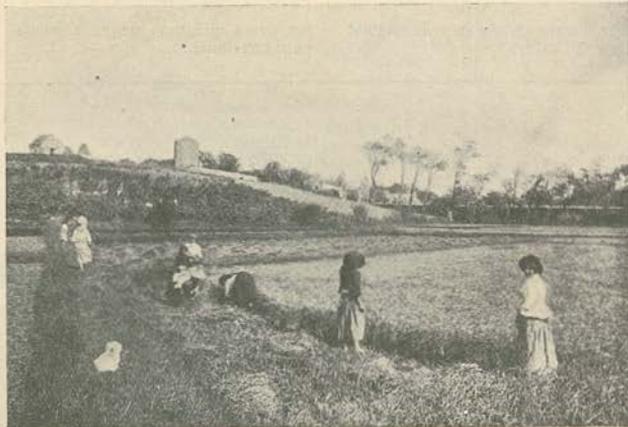
Não admira que toda esta riqueza seja produzida pela ria, se atendermos a que a sua area é de nove mil duzentos e setenta hectares, e que as suas aguas marginaes atravessam terrenos de dois distritos, seis concelhos e vinte seis freguezias.

Além d'isto estas aguas tão prudentemente aproveitadas pelo gafanhão não lhe produzem somente o *molloço*. São ainda outras as fontes de riqueza da ria, como as que provem da pesca, da caça, do sal das marinhas, da junça, do canico, que podemos orçar no valor d'outros duzentos contos annaes.

Por aqui se vê que a ria constitue uma região aquatica de variados recursos, unica no paiz, e que cientificamente explorada, sem a feição atrazada do trabalho que a depaupera, em vez de lhe conservar a opulencia da sua produção, tornaria rica e feliz toda a provincia da Beira-Mar.



A Gafanha e a ria: Carreando algas



Na ceifa

Como notámos é a agua o factor primordial que valorisa estes hectares e hectares de areias, hoje tornadas fertes pelo trabalho persistente do gafanhão.

Estes terrenos acham-se extremamente subdivididos por numerosos lavradores e chegam a atingir preços elevados.

D'estz subdivisão resulta um facto importante: aqui e ali cada proprietario tem necessidade de construir as suas moradias e outras edificações, molinhos, eiras, etc., o que determina não ser limitado a espaço restrito o terreno proprio para a area d'esta recente povoação, cujos fogos se comunicam por caminhos feitos na areia, havendo já algumas estradas macdamisadas a atravessar a Gafanha, ligando-a a Aveiro e Ilhavo.

O ativo e forte gafanhão não emprega o seu tempo apenas no amanho do veludo macio das suas areias, dando-lhes a consistencia precisa para a cultura por meio do moliço.

Se suspende o trabalho nos seus alfôbres e se larga por momentos a rabiça do arado, logo manêia a cana de um remo para se arrojor ás aventuras do oceano, e fórma assim as *companhas* dos barcos do mar que quasi todos os dias partem para a pesca, ali de frente da Gafanha, na praia da Costa Nova do Prado.

No lapso d'essa ausencia substi-



Dois amigos do trabalho

tuem-no, a moirejar nas lides agricolas, as mulheres e rapazes, sempre robustos, sempre sa-dios.

Tão amigo do trabalho, como precisa o gafanhão pedir esmola?

Não a pede.

No seu ideal de amor pelo trabalho o homem da Gafanha não tem um unico competidor que renegue para seu uso proprio a applicação do decretado descanso diario, se dignamente excetarmos a entidade legislativa d'essa mesma medida economica e administrativa — o atual Congresso da Republica, que noite e dia trabalha incessantemente.

Jus lhe seja por se haver assemelhado ao temperamento caracteristico do rude gafanhão, meu patricio, que na sua nervosa persistencia de se applicar ao trabalho torna feliz e prospera a terra onde nasceu!

Antonio Maria Lopes



«Moliceiro» da ria

(Clichés do autor)



ESTRELA

*Caiu na imensidade, e longa estrada
Riscou no lindo Azul do firmamento.
Tremeu, albente lagrima, um momento,
Apagou-se depois.—E fez-se o nada.*

*Estrela que brilhou abençoada,
Estrela de quem vi o saimento,
Estrela, vae contigo o pensamento
D'aquelle que soluça esta balada.*

*Morreste, que eu bem sei! — E silenciosas,
Não vão emurchecendo, lacrimosas,
As doces ilusões do meu Porvir?*

*Estrela, mas os prantos meus eu dei-te,
E eu não tenho, por certo, quem me ensite
A campa arrefecida onde cair.*

SILVA FIGUEIRA.

(Do livro de versos *Columbario*).

O VELHO MUNDO EM GUERRA

A Grecia resolveu finalmente conservar-se neutral. A saída do sr. Venizellos e a formação de um gabinete sob a presidência do sr. Zaimis vieram tirar o povo helenico de uma attitude até agora indecisa, que pouco se compadecia com as suas belas tradições e com a que mantivera desde o principio do conflicto.

Não podia haver resposta mais elevada e desconcertante para os que tinham como certa desde já a louca investida da Grecia contra a Servia. A acção de sapa, que desde muito vem fazendo a diplomacia alemã junto dos governos do rei Constantino, aproveitando habilmente a inclinação natural que a rainha Sofia, irmã do imperador da Alemanha, teria pela sua familia e pelo seu paiz natal, assim o fazia ver através das ultimas oscillações politicas. O desengano, porém, foi rude e formal. A demissão de Venizellos foi dada em seguida a uma conferencia do embaixador alemão com o rei, tendo saído pouco depois de Athenas o barão de Schenk, chefe



Os filhos dos reis da Italia. — Sentadas: princezas Maíalda e Yolanda, tendo ao colo a princeza Maria e Giovana; em pé o principe herdeiro Humberto

do serviço de propaganda alemã n'aquella capital.

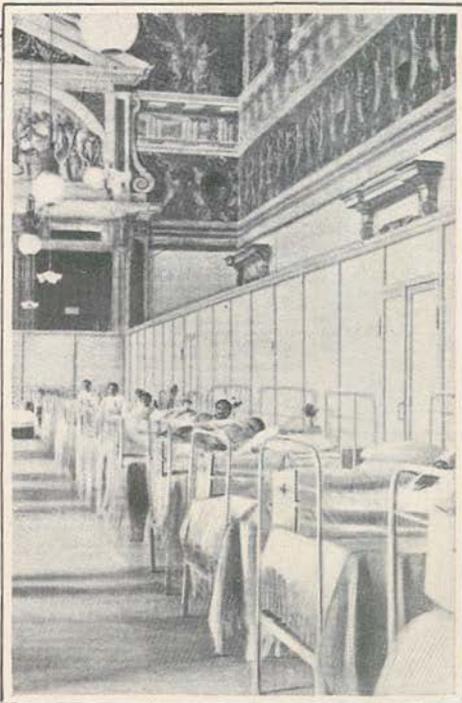
O desapontamento em Berlim é grande, como é grande entre os aliados o jubilo pela resolução da Grecia em não entrar no conflicto. Esta neutralidade não tem o rigor que se lhe pôde supôr; sente-se mesmo que ella é um tanto favoravel aos aliados, tanto mais que entre a Grecia e a Servia ha um tratado que, se não obriga aquella a pôr-se ao lado d'esta, tem clausulas que ainda podem ser interpretadas para um procedimento de relativo accordo. Assim, a questão balkanica não dê uma reviravolta que transtorne tão bem afigurado aspecto de coisas.

As forças austro-alemas, segundo o seu costume, não estiveram com mais delongas e invadiram logo a Servia, tomando Belgrado.

Este facto abalou deveras todos os Estados balticos e bem pôde ser que, de um momento para outro, não haja neutralidade que resista.



Um Zeppelin descoberto durante a noite a pairar sobre Londres é vio entamente bombardeado pela artilharia



*O palacio do Quirinal transformado em hospital da Cruz Vermelha.—1. A sala do trono,
2. Sala dos couraceiro.*



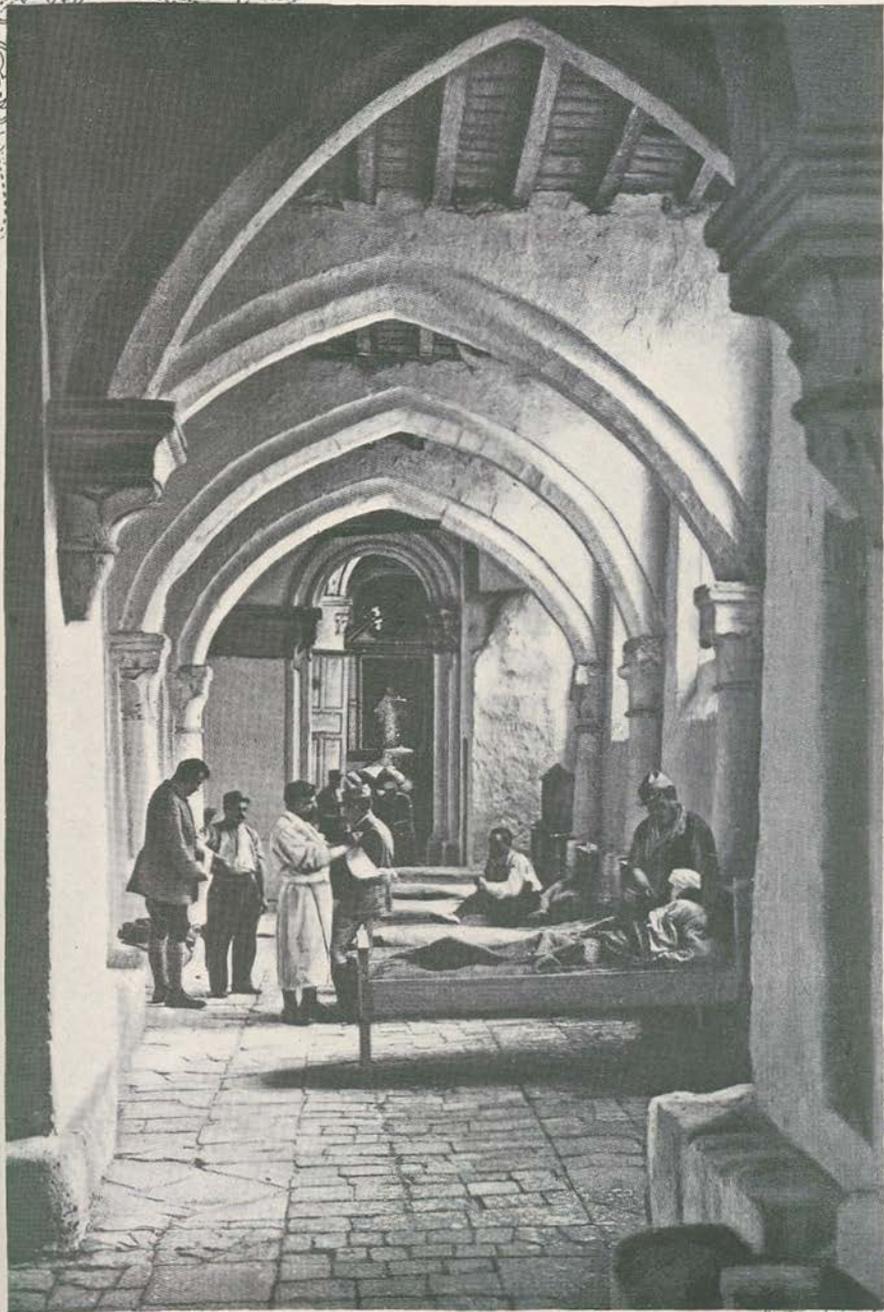
Um grupo de convalescentes no jardim do Quirinal



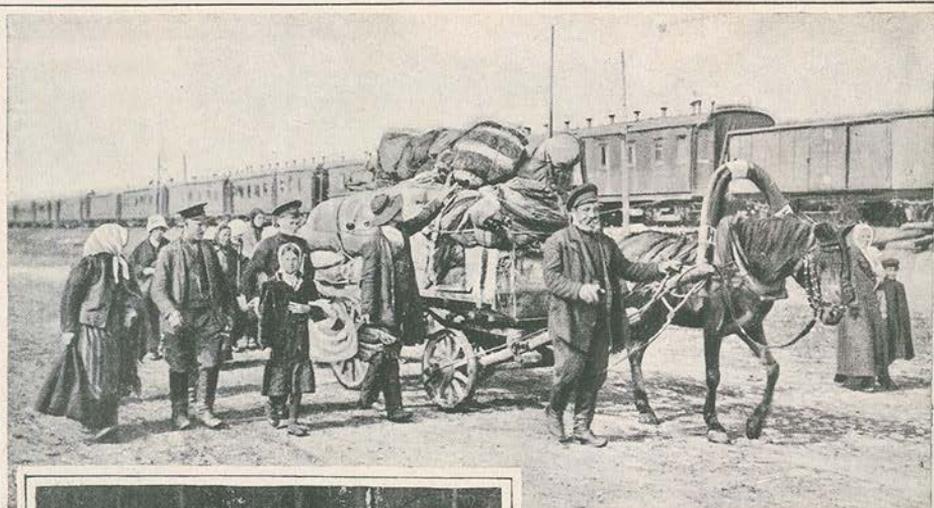
O general Marchand, o glorioso heroe da Fashoda, gravemente ferido no violento combate de Champagne em que as tropas aliadas saíram vencedoras.



Na linha oriental.—Um dragão russo interroga tres prisioneiros



Na nave de uma igreja, nas margens do Aisne, é instalado um hospital francez, a que não falta uma sala especial de operações.



Diante da invasão bárbara. — Cada vez se acentua mais a crueldade dos alemães para com as povoações da Rússia que fogem deante das suas granadas e baionetas. Não se vêem pelos campos senão multidões de fugitivos, que, tendo abandonado os seus lares, agora reduzidos a escombros, pernoitam sob abrigos feitos de ramos e folhas, como se o grande cataclismo que assola a Europa a reduzisse ao primitivo estado selvagem



1. Ante a invasão alemã os russos evacuam a Polonia, dirigin lo-se com os seus haveres para as estações dos caminhos de ferro. — 2. As habitações dos fugitivos na floresta de Choubkovsky (Volhynie). — 3. Rebeldes macedonios nas suas fronteiras. — (Cliché Chusseau-Flaviens).



O ATAQUE A UMA TRINCHEIRA ALEMÃ

E' sempre pavoroso o aspeto que oferecem as trincheiras alemãs conquistadas pelos aliados. Não se sabe como se pode viver ali. Rapazes imberbes e velhos ali amontoados, imagens vivas da fome

e do desalento, rendem-se quasi sem luta, mortos talvez por irem encontrar n'um acampamento de prisioneiros um pouco de pão e de agasalho que ha muito lhes escasseia em absoluto.

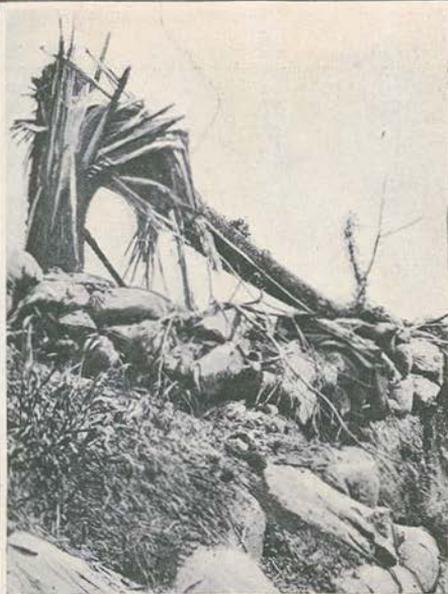
(The Sphere).

O EXODO DA POLÓNIA



Camponeses polacos e lituanos retiram apres-
sadamente diante da avançada alemã que nada
respeita. Enquanto essa retirada se efetua,
os russos, fieis ás suas tradições, vão quei-

mando, com raro desapego estoico, cearas,
florestas, casas, etc. para que nada de aprovei-
tavel e que tanto trabalho lhes costum fiquê na
posse do inimigo.



Uma árvore partida pela explosão de uma granada alemã. A árvore como se vê na gravura, ficou com o tronco tão disparitado que se assemelha a um cactus.



Árvores que se erguem sobre uma trincheira, desfeitas pela metralha.



Um auto-omnibus transformado em pombal para o serviço ativo de pombos correios.



O último objeto, a imagem sagrada, que se retira do lar que vai ser abandonado ante a invasão dos bárbaros.



Na linha ocidental.—No meio de uma grande batalha uma granada arranca pela raiz uma árvore quasi secular.



O submersível "Papin"

O submersível francez *Papin* do comando do primeiro tenente Cockin que se vê na ponte, navega no Adriatico vendo-se ainda as carcass-

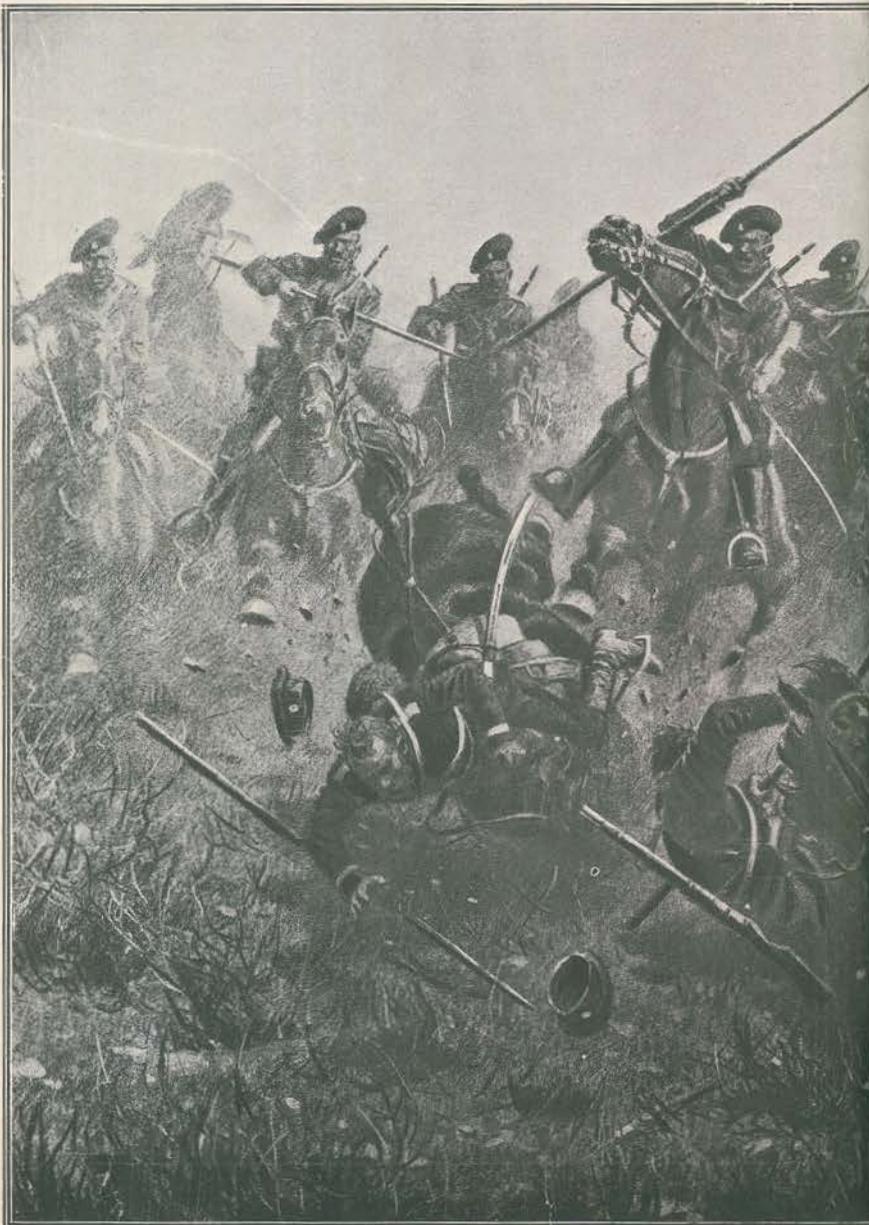
|| sas dos dois torpedos que ele atirou sobre um torpedeiro austriaco que foi atingido por um.



Um aspeto da coleção de 300 sinos, que as igrejas das regiões invadidas da Rússia enviaram para o mosteiro de Nikolsky, perto de Moscú.



Outro aspeto da grandiosa coleção de sinos



Violento ataque de um esquadrão de cossacos debaixo



em constante fogo de metralhadoras inimigas



Apesar de desfeito em ruínas pelas granadas, duas pobre velhas continuam comovidamente presas ao seu lar, onde haviam sido tão felizes.—(The Sphere).

CONCURSO HIPICO



Foram muito concorridas as provas do Concurso Hípico do Estoril, tendo-se enchido de numerosa assistencia o vastissimo hipodromo.

As provas d'este concurso, cujos premios eram de grande valor artistico, foram disputadas com «entrain», sendo a «Taca Estoril» e «Grande Premio Estoril» preparados com os percursos mais dificeis de todo o concurso.



1. Um pequeno lunch n'um intervalo.—2. Um aspecto da assistencia.—3. Um grupo interessante.
4. Aspecto geral da assistencia.

CONCURSO NACIONAL DE TIRO



Os campeões de tiro srs. tenente Andréa, Adolfo Lima e Antunes de Oliveira

O certamen de tiro realizado na Carreira de Pedrouços foi muito concorrido, vendo-se na assistencia bastantes senhoras que imprimiram á festa uma agradável nota de alegria.

Ao certamen compareceram o sr. ministro da guerra, em honra de quem se fizeram duas series de tiros, e o sr. presidente da Republica que foi recebido á porta da Carreira por todas as

pessoas ali presentes e que, na sessão solene que se efetuou pôz em relevo os serviços prestados, á Patria e ao exercito pelo concurso nacional de tiro, que considera como um incentivo para o perfeito manejo das armas, felicitando o comandante da carreira capitão sr. Ducla Soares.

Os concorrentes mais premiados foram os srs. Soares Andréa Ferreira, Jorge Francisco de Carvalho, Adolfo Ferreira Lima, Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 1 e Felix Bermudes.



2. A equipe do grupo Patria detentora da taça.—3. O sr. presidente da Republica á saída da visita da exposição, depois de feita a distribuição dos premios.

CAÇADA EM BUCELAS



Nas propriedades do sr. João Camilo Alves, abastado e bemquisto vinicultor em Bucelas, realizou-se uma caçada aos coelhos em que tomaram parte os srs. Domingos Costa Ribeiro, Abel Teixeira Pinto, Julio Freire, Sales Moraes, Joshua Benoliel, Hermano Wagner, José Nunes Godinho, Camilo Lelis Alves, Antonio Andrade Sousa, Camilo Jorge Alves, João Camilo Alves Junior, Julio e João Camilo

Alves, amadores do *sport venato*-

mesma uniformidade pela cons-

rio, que abateram muitos animaes apesar do vento forte que soprou durante o dia.

Essas propriedades que se denominam a Chã do Godinho e Veloso, são das mais férteis da região que, como outras que lhe pertencem, produzem os melhores vinhos brancos e de pasto que tão conhecidos são em Portugal e dos quaes é feita uma larga exportação, principalmente para o Brazil, mantendo-se-lhe a sua justissima fama porque o sr. Camilo Alves conserva aos seus tipos a

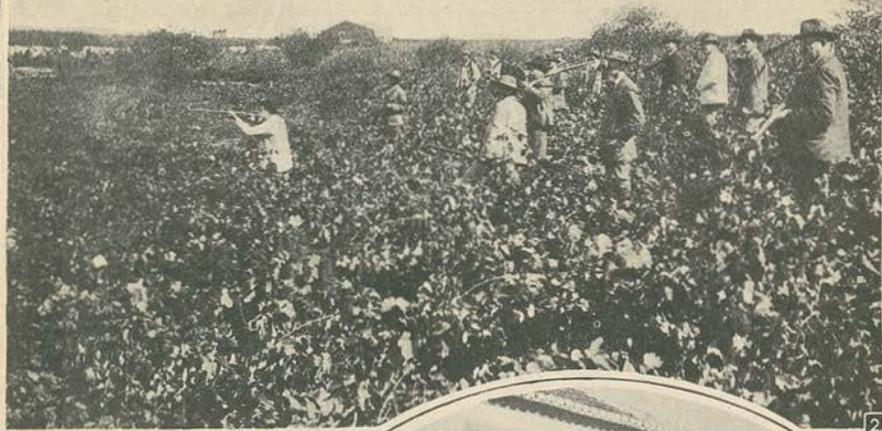
1. Os caçadores preparados para a caçada

2. João Camilo Alves Junior apontando



e trocando-se entre os convivas os mais espirituosos ditos e afetuosos brindes.

Depois fez-se musica e cantou-se, tendo os convidados do sr. Camilo Alves retirado de Bucelas encantados não só com o bom resultado da caçada como tambem com a forma bisarra com que aquele senhor e sua familia os receberam.



1. Os srs. Hermano Wagner, Camilo Luiz Alves, João Camilo Alves, Camilo Jorge Alves, Abel Teixeira Pinto, João Camilo Alves Junior, Julio Camilo Alves, Sales Moraes, Julio Freire e José Nunes Godinho.

cienciosa forma com que os fabrica e conserva, o que lhe tem grangeado a merecida fama de que gosam.

Aos seus convidados ofereceu o sr. Camilo Alves um apetitoso almoço proprio de caçadores e um delicioso jantar que foram regados com o magnifico vinho da sua lavra, reinando durante as refeições a mais franca alegria



2. O sr. João Camilo Alves, atirando aos coelhos.

3. Os caçadores com a caça morta.

(Clichés Benotiel).



Guimarães. — Inauguração solene da primeira pedra d'um hotel nas termas das Taipas; ao centro o commissario da policia de Braga, sr. João Lopes Soares, deputado por Guimarães; dr. Domingos Ferreira, representante do ministro do fomento e Bento de Oliveira, governador civil do distrito. — (Clôchê do sr. M. S. Leite correspondente do *Século*.)

Em Cintra. — No hotel Neto realiso-se um jantar comemorando as melhoras do sr. Afonso Costa, organizado por um grupo de contramestres d'alfaxataria nos Armazens Granocela, a que presidiu o sr. Bastas Ribeiro, pae do capitão sr. Helder Ribeiro, a convite do sr. Eduardo Augusto da Costa. O banquete decorreu animadissimo, trocando-se brindes entusiasticos.



No salão Bechstein, no Porto, realisou-se, perante uma numerosissima e escolhida assistencia, a apresentação das discipulas da sr.^{ta} D. Tereza Amaral, reputada e distinta professora



ra de piano, que bem demonstraram o superior metodo de ensino usado por aquella senhora, executando va ios trechos com uma tecnica digna de todo o elogio.

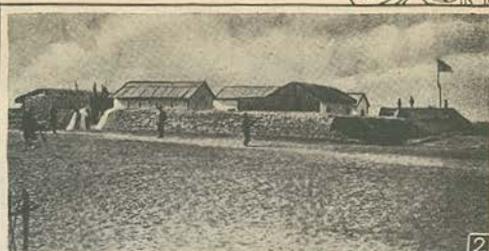


3. A professora Madame Teresa Amaral. Mesdesnoiselles que tomaram parte no concerto: 4. Maria Abreu. 5. Rosa Abreu. 6. Maria Valente. 7. Lniza Mourão Corte Real (Lucelas). 8. Madalena Monteiro. 9. Carolina Monteiro. 10. Judit Ribeiro. 11. Clotilde Oliveira Martins. 12. Isabel Miraneta. 13. Noemia Tavares e Castro. 14. Maria Berta Deterne Esmeriz. 15. Adelinha Froença. 16. Aurora Tavares. 17. Anra Augusta Ferreira Vaz de Aranjó. 18. Deulinda Martins. 19. Maria Alice Guedes e Silva. 20. Lucilla de Oliveira Martins. 21. Emilia de Barco Perez. 22. Irene Amaral. 23. Maria Lucia Fonseca.

SUL DE ANGOLA



1. Partida do 1.º esquadrão para o interior.



3. Um dos carros da coluna carregado com víveres fazendo a travessia do rio Cunene.



Retiram em breve para o continente as forças expedicionárias ao Sul de Angola, que vão ser rendidas pelos contingentes que brevemente embarcam para aquela provincia. Os «clichés» que publicamos e que gentilmente nos foram cedidos re-



presentam diversos aspectos flagrantes das operações ali efetuadas, com as quaes se demonstraram mais uma vez o prestigio, o valor e o heroismo do nosso exercito, que tanto tem contribuido para o engrandecimento e bom nome do paiz.

Lubango.—4. Partida do 1.º esquadrão de dragões para o interior, levando a frente o comandante, capitão sr. Picarra.

5. Indigenas, carregadores da coluna, naturais de Caconda e Bihé.

(Clichés do sr. Teles Grilho).

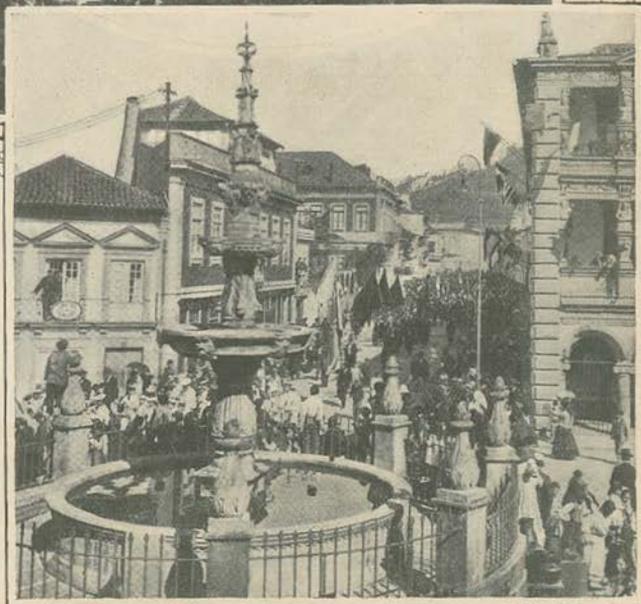
UMA EXCURSÃO A VIANA DO CASTELO



A entrada na Câmara Municipal para a sessão solene de boas vindas.

Promovida pela prestimosa coletividade dos Caixeiros portuenses, realizou-se uma excursão a Viana do Castelo, que decorreu com o maior entusiasmo e que foi bizarramente recebida pela população d'aquela hospitaleira cidade, que proporcionou aos seus hospedes o mais cativante acolhimento.

Foi uma festa de confraternização por todos os títulos memorável, cheia d'aquela comunicativa alegria que os caixeiros do Porto imprimem a todas as suas festas, e



O cortejo na Praça da Republica



que perdurará na sua memória e na de todos os que o acompanharam como uma das mais entusiasmáticas que tem realizado.

Os excursionistas foram recebidos pela Câmara Municipal de Viana do Castelo que realizou uma sessão solene em sua honra, trocando-se n'essa ocasião os mais vibrantes discursos, sendo todos os oradores muito ovacionados.



1. O cortejo saindo da estação.

2. Grupo de excursionistas no Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo.

**CIGARROS
DE ABYSSINIA**

EXIBARD

Sem Opio nem Morphina.

Muito eficazes contra a

ASTHMA

Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmodicas
das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exitto. Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
8, Rue Dombasle, 8
PARIS

E BOAS PHARMACIAS

M OZAICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.^a
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
TELEPHONE 1244 — LISBOA

**Perfumaria
Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

Compra e venda de propriedades
HYPOTHECAS
EM LISBOA E PROVINCIAS
TRATA: **A. GOMES DA SILVA**
R. Augusta, 229, 2.º — LISBOA —

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Acções	860:000:000
Obrigações	303:910:000
Fundos de reserva e amortização	695:400:000
Total	1859:310:000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobrerinho (Tomar), Penedo e Casal d'Hermito (Lousã), Vale-Maior (Abergarão e Vêtha). Installadas para uma produção actual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periódicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — **Escritorios e depositos:** 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49; RUA DE PASSOS MANOEL, 51, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado*. Numero telefonico: LISBOA, 608—PORTO, 117.

BREVEMENTE

Almanaque d'0 SECULO

ILUSTRADO

PARA 1916

Trabalhos de Zincogravura,
Fotogravura, Stereotipia, Im-
pressão e Composição

Fazem-se nas

OFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcédivel perfeição.

Zincogravura e Fotogravura em zincos simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nikelado. Em cobre, a cores, pelo mais recente processo — o de tricromia. Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

Stereotipia de toda a especie de composição. Imprensaõ e composiçõ de todo o genero de revistas, catalogos, illustraçõs e jornaes diarios da tarde ou da noite. Impressão a ouro, prata, relievõ, etc., etc.

RUA DO SECULO, 43 — Lisboa

"Aseptal,"



O Antiseptico-Perfume

superior ao borato de soda

superior ao formol

superior ao permanganato

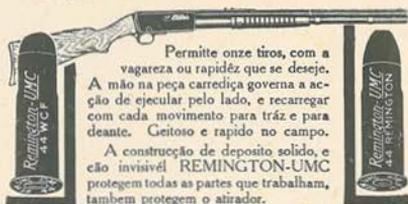
superior ao sublimado

Hygiene Intima Feminina

FARMACIA NORMAL-LISBOA

Rifle de Repetição Calibre.44 Ac- ção Corredica

REMINGTON
UMC



Permite onze tiros, com a vagareza ou rapidez que se deseje. A mão na peça cartacha governa a acção de ejetar pelo lado, e recarregar com cada movimento para trás e para deante. Geitoso e rapido no campo. A construção de deposito solido, e éo invisível REMINGTON-UMC protegem todas as partes que trabalham, tambem protegem o atirador.

Desarma-se facilmente como a conhecida repetidora REMINGTON-UMC calibre .22. Limpa-se pelo deposito.

Acham-se á venda nas principais casas d' este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A,
Manáos

gesta em Portugal G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigne, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguram. Fala portuguez, francez, Inglês, alemão, Italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 reis. 28500 e 38000 reis.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

DORES DE COSTAS

PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doencas e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; rheumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram-se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & C., Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, Nº 85, Porto.



Grande marca franceza



CRÈME SIMON

PARA
conservar ou dar
ao rosto

FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^e

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleres.

Desconfiar das Imitações.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 504

18-10-1915

Em Valladolid

Inaugurou-se hontem, na nobilíssima Valladolid de mósca e brazões, o Congresso internacional de ciências. Na Universidade, em plena «Sala del Claustro», perante a bela galeria dos retratos dos reis, que vae desde o prognata Filipe V até á obesa Isabel II, um ilustre capitulo de sábios

latinos, entre os quaes quatro portugueses eminentes — os matemáticos Gomes Teixeira e Rodolfo Guimarães, o quimico Ferreira da Silva, o astrónomo Costa Lobo — iniciou, sob o patronato de Afonso XIII, os seus trabalhos de austera permuta intelectual. Em quanto a Europa inteira arde no incêndio formidavel da guerra; em quanto nações em péso

se aniquilam, se arrasam, se subvertem n'uma vertigem, n'uma convulsão, n'uma epilepsia de extermínio, — chega a entenercer a estoica impassibilidade com que duas duzias de sábios, no coração pacífico da Castela-Velha, estão discutindo as correntes da atmosfera e a temperatura dos astros.

Crise de prestigio?

Sempre que uma crise ministerial se aproxima e que é necessário resolvê-la, — procura-se, para justificar as dificuldades na constituição dos governos, uma explicação cômoda: a falta de homens. Falta de homens de caracter? Falta de homens de competência? Não. Falta de homens de prestigio. O prestigio é a forma elevada, é a expressão nobre da popularidade. Em Portugal, onde ha muito tempo, mercê de circunstâncias várias, se assiste á atenuação progressiva de todo o



sentimento do respeito, da ordem e da disciplina social, a popularidade só conhece ás formas inferiores, que fizeram proferir a Aurelien School a sua frase admiravel: — «La popularité c'est une souillure». Não admira que as figuras de prestigio sejam raras n'um paiz onde

de os homens publicos fazem tudo quanto podem para se desprestigiar uns aos outros, e onde a multidão, fundamentalmente irreverente, faz tudo quanto pode para os desprestigiar a todos. Crise de homens? Não. Crise de disciplina, crise de educação, crise de ordem.

A Madame X

Tem razão, minha amiga. Diante das «turqueries» de Poiret, diante do paroxismo dos cubistas, diante das extravagâncias de Mademoiselle Polaire, falharam na moda feminina todas as tentativas de interpretação, de justificação e de coerência. Mas olhe que já começa a haver um certo espirito de logica nas modas d'este outono. As saias são curtas? Evidentemente, — por hygiene, por causa das poeiras. As mulheres andam de chapéu alto? E' natural, — desde que os homens o abandonaram. Trazem bengala? Para se defenderem, — por que são as mais fracas. Ha «profissional beauties» que usam brincos na ponta do nariz? Pela mesma razão por que ainda hontem se usavam nas orelhas. E sabe, minha querida amiga — deixe-me dizer-lh'o ao ouvido — por que é que vocês trazem agora esse pequenino veu, misterioso como uma meiamascara veneziana, que lhes deixa a boca a descoberto? E' para beijarem melhor.



Suicidas

Aparecem todos os dias nos jornaes noticias desenvolvidas acerca de vários crimes cometidos sob a forma passional de duplas tentativas de suicidio. Essas noticias veem quasi sempre acompanhadas de retratos. A imprensa, servindo, na melhor das intenções, a curiosidade doentia das camadas populares, favorece o contagio do crime. Isto está dito, — como está dito que o animatografo, abusando do «film-policia», estimula as tendências imitativas do criminoso e constitue uma admiravel escola de gatunos. Mas nunca é demais repeti-lo. Ainda ha pouco afirmava o ilustre Grasset, prefaciando os «Criminels peints par eux-mêmes»: o delinquente é essencialmente exibicionista, e ha criminosos que assassina, degenerados que se suicidam, — para terem o retrato nos jornaes. E' a vaidade da Morgue.



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



Primeiro castigo

Nunca na aldeia houve tamanho reboliço, com os demônios!—parece que foi atirado dos céus para o inferno.

Ah que se eu tivesse a idade d'elles tambem te daria o meu sangue,—a Patria é a segunda mãe e um bom filho deve defendel-a.

Mas ao mesmo tempo como me dá lastima que todos estes rapazes, frescos como as madrugadas, altos como pinheiros, rijos como os carvalhos, vão deixar a vida lá por esses serões que dizem ser um matadouro.

Mas enfim: é dever, e como é dever cumpra se. Tal era a filosofia de um velho, que sentado n'um mocho, mordendo um cachimbo, e soltando fumaradas pelos labios adelgaçados, falava consigo mesmo, até que dois vultos, que vinham andando pelo carreiro que orlava o seu casebre, o arrancaram aos seus pensamentos.

Olá! lá estão mais dois pombinhos a rolar cá p'lo casal; tem mel o sitio do velhote. E fitou-os com aquella curiosidade propria de todos os velhos.

São elles?—são elles, são; parece-me que não me me engano. Não ha duvida—é o José mais a Rosa.

Despedem-se, já tinham anunciado o casorio e agora sabe Deus quando,—talvez nunca mais.

Coitada, lá está ela a choramingar, pobresinha, como deve sofrer aqu-ile anjo do ceu!

Julgava que tinha um marido e afinal saiu-lhe um guerreiro; enganou-se na rifa coitada; agora casa com a «dôr» n'um altar de lagrimas.

Como me dá pena todas estas moças. Nem já trazem côr nos rostos e brilho nos olhos; até parece que se vestiram com a côr dos cirios.

—Diabos me levem se o «demo» não soltou azas e bateu cá no ferrolho,—e, cheio de magua, tornou a olhar os noivos, que de labios unidos se iam afastando.

Sabe Deus se será o ultimo... e lá se vão, com os corações cheios de fel e os olhos a brotar, pobres innocentes de Cristo.

Depois, como se n'ela estivesse a vêr o «passado» ficou a olhar a Lua, que envolvia n'uma palidez singela o seu rosto de neve,—divino e solene, irradiando uma grande doçura.

—Oh! Macario, que estás tu a fazer homem, que não te deitas hoje—d'aqui a pouco rompe o sol e ainda estás de véla!—era a tia Antonia que o chamava para o conchego da cama.

—Lá vou mulher, lá vou: pouco vive quem muito dorme e a minha vida já é curta.

Recolheu o mocho, bateu o cachimbo na soleira e olhou o par que, iluminado pelas cintilações da noite e envolvido n'um abraço desaparecia ao longe.

—Então, vens ou não vens?—que diabo estarás tu a fazer!

—A «recordar»—balbuciou levemente,—e lá se foi a calar a tia Antonia. Levava as palpebras humedecidas.

Efetivamente nunca na aldeia houvera tamanho reboliço,—razão tinha o tio Macario em dizel-o.

Aquella concha de terra vestida de azul ou de neve, vivendo a paz das coisas sagradas, beijada pelas caricias do sol e banhada de luares, despertada por canticos de moçoilas e adormecida por Ave-Marias, ouvindo nas lareiras os contos das avós e nas moitas os beijos dos namorados, respirando aromas, enchendo-se de luz e envolvida de incensos, só conhecera até ali a vida candida das coisas innocentes.

Nunca experimentára a brutal confusão dos preparativos de um regimento que vae de marcha para a campanha.

Amedrontava-a toda aquella azafama, em que se confundiam ruidos de coronhas, rufo de tambores, sons de clarins e tinir de espadas, e tinha entristecido ao ver as raparigas limpar os olhos ás pontas dos aventaes, as mães chorando ante os oratorios, e os velhos enganando as lagrimas com um triste assobio.

De toda a sua alegria, só lhe restava o rapazio, que continuava jogando a pedra; as proprias aves tinham emudecido, e o murmúrio dos pinheiras trazia queixumes de maguas.

Que se passava? Que tinha acontecido para tornar sombria a face risonha d'aquelle pedacito de terra?

Era o 14 que tinha chegado e bivacado na aldeia para lhe levar os filhos no outro dia pelo morrer do sol.

—Iam para a Africa, diziam, combater os pretos que andavam de gorra com os alemães.

Em toda aquella noite, a aldeia conservou-se n'uma mudez oprimida, com um soluço estrangulado prestes a explodir, e no entanto ninguém dormia ainda.

As irmãs e as esposas prepararam os saquites enchendo-os de roupa, as noivas entregavam as promessas, as mães dobravam as preces e recontavam os rosarios, e os velhos, mudos, de cabeças curvadas, enigmaticos como estatuas, sombrios e solenes, fumaram toda a noite.

Nun dos recantos da aldeia, n'uma casa abarracada, talhada em angulo e encimada por uma pyramide, bruxuleava ainda uma luz já muito debil.

Moribunda e palida, esbatendo-se nos cortinados amarellecidos, tremulando n'um queixume de cansaço, denunciava que ali, n'aquella noite, ainda se velava quando a lua já perdia no brilho nos fulgores vermelhos do sol.

Aquella casita muito tranquila, servia de morada a dois dos mais formosos rapazes da terra.

Um, perdendo a familia ainda muito moço, outro

nunca a conhecendo, dedicaram-se n'uma grande amizade, d'aquelas que começam n'um aperto de mão e acabam na morte.

Nem só as filhas do mesmo ventre são irmãos, — diziam muita vez um ao outro nas suas expansões d'amigos.

Podia dizer-se que viviam um para o outro e ambos para o seu trabalho.

Ambos inteligentes e honestos, Pedro mais ardente que Julião, este mais sereno que o primeiro, equilibravam a sua maneira de ser levando uma vida de paz e de regra.

Além d'um copo de vinho ou d'uma cigarrada, não tinham vícios de maior, e distraíam o tempo que lhes sobrava n'uma hora de anedotas ou cantigas em qualquer grupo d'amigos a que se juntavam.

Ainda que as raparigas da terra deixassem brincar os sorrisos nos lábios quando os olhavam, ninguém lhes conhecia amores, — sómente uma vez se segredou que o Pedro se banhava nos olhos de Maria, mas que esta só casaria com um rapaz morgado.

acento energico como para o convencer melhor da sua razão, — a minha foice e tu.

Tu não tens familia, eu nunca a conheci, temos seguido sempre o mesmo destino; porque nos havemos agora de separar?

A Patria já te chamou, precisa de ti, pois eu irei contigo; não consinto que faças de mim um ingrato.

De resto já entrava nas «sortes» para o ano, se hei de ir depois obrigado, vou agora de vontade, — ja vês que não tens que ter remorsos em consentir que te acompanhe.

Julião, que o ouvia com a sua serenidade habitual, descurou os braços e placidamente, com um sorriso a iluminar-lhe o rosto como quem vae certo de vencer o adversario com um só golpe, bateu-lhe amigavelmente n'um hombro e disse-lhe ao ouvido:

— É a Maria?... Julgas que ignoro que andas morto d'amores por ela?

Pedro sentiu o corpo estremecer-lhe; uma onda palida envolveu-lhe o rosto, — depois, deixando fugir do peito uma gargalhada dolorosa, respondeu n'uma grande expansão de coragem e desespero.



Emfim; a sua amizade fôra tão notada que as môças a principio mofaram d'ela e o rapazinho chegou-os a fustigar com alcunhas, de virtude.

Pedro e Julião fôra dos seus habitos ainda não se tinham deitado n'aquella noite, e, até ao contrario, discutiam acaloradamente parecendo que ultimavam a decisão d'um ato.

Agora era Pedro que falava: toda a ardencia do seu sangue de 19 anos brilhava nos seus olhos muito negros, os seus braços gesticulavam largamente, e nas suas palavras havia a eloquencia ingenua, filha do entusiasmo.

— Que tenho eu na vida? — dizia para Julião n'um

Ora adeus, isso já lá vai; casará com um doutor á falta d'um morgado. E apertando nervosamente a mão de Julião exclamou aii, da: a tua amante será a minha, — a Patria — havemos de lhe dar a vida.

— Está decidido, partirei contigo amanhã. E tornaram a apertar as mãos como se elas fossem a assinatura do seu pacto d'amigos.

No outro dia ninguem trabalhou: os bois aliviaram-se da carga um dia inteiro, as foices e os cadinhos dormiam, os arados não retalharam a terra, e os trigos, baloiçando-se em ondas d'ouro, pareciam segredar sorrisos por viverem mais um dia.

Toda a gente do povoado viéra para o largo da ermida, onde os rapazes da terra se juntaram ao regimento que devia partir d'ahi a uma hora.

Pedro e Julião também já lá estavam.

Em toda aque a multidão de homens, mulheres, velhos e crianças, havia nma expressão maguada e risionha ao mesmo tempo.

Enorme «alegria» - enorme «dôr» - eis que lhe ia nos rostos, eis o que lhe ia nas almas.

Nos rostos sorridentes, corriam lagrimas.

Durante muito tempo reinou uma confusão enorme: chocaram-se os lamentos com os dichotes, as gargalhadas com os soluços.

Todos se esforçavam por serem corajosos; no meio d'aque'a angustia havia ditos que provocavam a hilariedade em todas as bocas.

Havia raparigas que pediam uma cabeça de preto para um mealheiro, outros a perna d'um alemão para enfeitar a casa de jan'ar, os rapazes um capete para brincarem ás guerras.

O tio Macario, branco como a neve, solene e iluminado, andava distribuindo a sua coragem aos mais enfraquecidos.

Estava tudo a postos: separaram-se os ultimos abraços, trocaram-se as ultimas despedidas, os soluços succumbiam todas as gargantas.

Soaram os clarins, rufaram os tambores, — depois pungente silencio; começára a marcha.

Pedro e Julião lá iam, serenos, ativos, garbosos, com os chapéus desabados na mão e os saquites encarnados ao hombro.

Um muito loiro d'olhos azues, feito d'um pedaço de céu, outro moreno, d'olhos muito negros, — feito d'um pedaço de terra; ambos diferentes, ambos eguaes.

E lá se foram sumindo, na sombra palida do crepusculo, seguidos, de todos aqueles olhos congestionados, risionhos e cheios de dôr.

De parte a parte só já se distinguia um lenços vermelhos a agitar-se no ar, como pedaços d'alma ensanguentados de saudade.

Na aldeia em toda a noite, dobraram as Ave-Marias e soluçaram as noivas.

Estamos quasi a voltar á nossa terra e ainda não temos uma beliscadura, meu Julião!

Ah que alegria eu sinto, só em pensar que havemos de entrar na nossa aldeia, cheios de gloria, e dizermos á raparigada que ainda sabemos defender a terra onde nasceram. Até a Ma ia já nem quer os morgados. Mas agora fia mais fino; para casar com um heroe ainda ha de ter os seus quindins.

— Ainda é cedo para falar, Pedro; não sei porque vae-me na alma um mau presentimento.

Sabes que a pretahada ainda está senhora do forte no alto do monte, e que hoje é preciso tomalo-custelá o que custar? — ouvi o nosso comandante estar a dizel-o.

Ofereci-me voluntariamente para tomar parte no combate, mas eram tantos os que queriam ir que o comandante mandou tirar sortes.

— E então?!

— Então, parece-me que tu estás escalado para ir e que eu fique de vedeta.

— Ora adeus, que tem lá isso! tem esperança que a Virgem não nos ha de abandonar. Andámos sempre na vanguarda de todos os combates, vimos cair ao nosso lado os nossos camaradas, as balas só serviam para nos assobiar aos ouvidos, e ela nunca se esqueceu de nós, de contrario, as nossas cabeças já estariam a enfeitar a palhota de algum soba.

Um toque de clarim cortou a conversa dos dois

amigos que se abraçaram convulsivamente. Julião juntou-se á companhia de vedetas e Pedro foi enfileirado na coluna destinada a tomar o forte.

A noite acabára de envolver a Terra, a Lua nublára-se completamente; pelas palmeiras e pilriteiros ecoava um murmúrio tragico, e no acampamento crepitavam as fogueiras baloiçadas pela ventania, — as vedetas estavam vigilantes.

Houve uns momentos em que os corações se oppriam numa enorme indecisão; só se ouvia o roselhar da marcha da coluna que avançava. De repente, na es. uridão abriu-se uma brecha de fogo, como um vulcão em plena noite.

Ao acampamento chega um ruido confuso de vozes, de gritos, de lamentos e de descargas.

A confusão chega sempre com a mesma intensidade, depois, e rumor aumenta, presente-se que a batalha se encarniça; as descargas succedem-se, o fogo abre clareiras, a metralha ronca.

Ouve-se um grito unisono, — devia ter sido a victoria — no acampamento preparam-se os refletores, enchem-nos de luz e projetam-se sobre o campo da batalha, — d'ái a pouco o fóco alvejava a bandeia tricolor, que cheia de esperança e de sangue tremulava no alto do forte conquistado.

Julião, no seu lugar de vedeta, tinha recebido todas as impressões do combate: — nunca o som da metralha o angustiará tanto.

Esiava preso d'uma comoção estranha, e numa exaltação brutal balbuciava constantemente sem que por isso desse:

— O que lhe terá acontecido? maldito presentimento!

No momento em que os projétores iluminaram o campo de combate, Julião poude ainda distinguir as primeiras a-nublancias que desciam o monte em direção ao acampamento.

Avido de noticias, impulsionado por uma curiosidad - insofreavel, largou a arma e correu desordenadamente.

Quando chegou, exangue, com o rosto contraído, os olhos e a bôca muito abertos, ainda poude pronunciar com muito custo:

— O 92?... O 92?...

— Já não estripa mais pretos — coitado! — responderam-lhe.

A descarga d'um relampago é por vezes menos fulminante que uma resposta.

Julião, desvaído, horrivel como o espétro d'um louco, voltou-se para o lado d'onde tinha vindo a a voz; e á luz sinistra d'um archote, os seus olhos embaciados pelas lagrimas ainda puderam vêr o rosto palido de Ped-o onde corria um filete de sangue.

Ouviu-se rugir um soluço e o baque d'um corpo. Julião caíra sobre o cadaver do seu querido amigo.

Mais tarde, antes das tropas regressarem á metropole, Julião foi julgado pelo abandono do seu lugar de vedeta.

Pelo seguir do julgamento soube-se que ele nessa mesma noite roubára da vala o cadaver de Pedro.

Um pouco distante, uma patrulha encontrou uma cova em cuja cruz, feita de dois sabres, se podia lêr:

«A dôr será agora a minha companhia. — Julião.»

Depois dos debates, Julião foi condenado a usar a medalha de Honra Militar. Foi o seu primeiro castigo.

Ao ouvir lêr a sentença só poude pronunciar: — «Meu pobre Pedro!»

MARIO HENRIQUE.